

**Mano descobre**  
a paz

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior, publicada pela editora SENAC São Paulo.

**Mano descobre a paz**

© Heloisa Prieto e Gilberto Dimenstein, 2001

**Gerente editorial** Claudia Morales

**Editor** Fabricio Waltrick

**Editora assistente** Thaise Costa Macêdo

**Diagramadora** Thatiana Kalães

**Estagiária (texto)** Raquel Nakasone

**Estagiária (arte)** Júlia Tomie Yoshino

**Assessoria técnica** Dr. Paulo V. Bloise

**Preparadora** Eliana Rocha

**Coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista

**Revisoras** Cátia de Almeida, Irene Incao, Ivone P. B. Groenitz,

Jandira Queiroz e Kimie Imai

**Projeto gráfico** Sílvia Ribeiro

**Assistente de design** Nicole Boehringer

**Coordenadora de arte** Soraia Scarpa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

P949m

2.ed.

Prieto, Heloisa, 1954-

Mano descobre a paz / Heloisa Prieto, Gilberto Dimenstein ;  
ilustrações Maria Eugênia. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

48p. : il. - (Mano : cidadão-aprendiz)

ISBN 978-85-08-14387-0

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Dimenstein, Gilberto,  
1956-. II. Eugênia, Maria, 1963-. III. Título. IV. Série.

10-5839.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

ISBN 978 85 08 14387-0

CAE:262150

Código da obra CL 737388

2014

2ª edição | 1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2011  
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# **Mano descobre** **a paz**

**Heloisa Prieto**  
**Gilberto Dimenstein**

*Ilustrações: Maria Eugênia*

**ea**  
editora ática

# Chocolate



Duas caixas de bombom.

Foi assim que eu descobri que o Oscar, meu melhor amigo, tinha se apaixonado.

As caixas estavam embrulhadas em papel-celofane, enfiadas no bolso da mochila. Acontece que o Oscar, o micreiro genial, que adora comer e odeia malhar, detesta chocolate.

O cara come qualquer coisa: bala de goma, pipoca doce, hot dog com purê e molho de tomate, mas chocolate, não.

E aquelas caixas?

– *Ei, Oscar, me conte: você deu pra gostar de chocolate? Olha que teu pai te prometeu um equipamento novo se você fizer regime!*

– *Que chocolate, hein, Mano?*

– *Esse aí. Tô vendo duas caixas de bombom na sua mochila!*

O Oscar tentou desviar minha atenção apontando rapidinho pra tela, falando muito sobre um game novo. Foi então que eu percebi. O negócio era sério. O cara estava mudando.

– *Oscar, nem vem, pode falar, meu.*

– *É a Sofia.*

– *A garota nova que entrou na classe? O que tem ela?*

– *Meu, ela é a melhor micreira que eu já encontrei, sabia? Ela é gênio, cara. A gente tem se falado todo dia.*

– *Claro, Oscar, você senta atrás dela na classe.*

– *Mas não é na classe, Mano.*

– *O quê? Vocês ficam se encontrando?*

– *É... quer dizer... a gente se encontra na rede.*

– *Tudo bem, Oscar, mas o que isso tem a ver com o chocolate?*

– *A Sofia adora.*

– *Ih... já estou começando a entender... Você vai dar as caixas de bombom pra ela, certo?*

– Mais ou menos.

– Que mais ou menos, cara. Anda, conta tudo de uma vez. Eu sou ou não sou seu melhor amigo?

Nisso, a gente ouviu um barulho esquisito. Na sala, a tevê estava ligada e alguém chorava. Será que era na novela?

– Oscar, espera, daqui a pouco você me conta. Tem alguém chorando na sala.

– Ih, Mano, tem mesmo. Será que é a Shirley?

– Tá louco, meu, onde já se viu? A Shirley só chora se for de raiva, e esse barulho é de choro triste mesmo. Ai, Oscar, tô achando que é minha mãe.

– Quer que eu vá embora, Mano? Sabe como é, tipo assunto de família.

– Eu não, eu quero é que você venha comigo até a sala. Melhor descobrir o pior.

Era minha mãe mesmo.

Estava assistindo a um filme antigão, branco e preto, chorando feito bebê. Do lado dela, uma caixa de lenços de papel e uma caixa de bombons imensa.

– Quer um pouco?

– Do quê, mãe? Lenço ou bombom?

– Mano, para com isso, meu filho. Esse é o filme mais lindo da minha vida!

– Que filme?

– **Casablanca.**

– Mas, mãe, se o filme é bom, por que essa choradeira?



– *Porque ele me emociona tanto, tanto, tanto...*

Eu fiquei ali, parado, reparando que o Oscar já tinha sumido pra cozinha e, na certa, ia fazer um estrago total na geladeira, e que os letreiros passavam e que o filme era mesmo muito antigo.

– *Mãe, que história é essa?*

– *É de guerra.*

– *Entendi, morre um monte de gente e você ficou triste.*

– *Morre. Quer dizer, deve morrer. É filme de guerra, mas eu fiquei triste porque é história de amor, meu filho.*

– *Meu, e desde quando filme de amor dá tanta vontade de chorar?*

– *Ah, Mano, você é pequeno pra essas coisas. Deixa pra lá.*

Eu saí da sala e estava quase chegando na cozinha quando esbarrei na Shirley. Ela estava toda de branco. Vinha da academia do Valdisnei, que é capoeirista e marido dela. Valdisnei é meu ídolo, meu mestre de capoeira, meu grande amigo, mas, aqui em casa, se a gente quer entender alguma coisa, precisa falar com a Shirley. Ela trabalha conosco há sete anos e conhece a família inteira, de trás pra frente.

– *Mano, você não percebeu que sua mãe está com saudades do Caetano?*

O Caetano é o namorado da minha mãe.

Quando meus pais se separaram, a barra pesou pra caramba aqui em casa. Minha mãe chorava tanto que eu pensei que não tinha mais conserto. Depois, meu pai começou a sair com várias garotas que tinham quase a mesma idade que as amigas do Pedro, meu irmão mais velho. Eu estranhava, mas ficava quieto. Ia pra internet me distrair. Com meu irmão foi diferente. Ele ficou muito esquisito, largou os esportes, parou de estudar e ficou amigo de um cara nojento chamado Sombra e daí... meu, se eu começo a contar tudo agora... Quem deu menos trabalho foi minha irmã caçula, a Natália. Não sei se foi porque ela era pequena demais pra entender ou porque só vive pensando nas amiguinhas, nas bonecas e nas malquices que ela gosta de inventar.

Quer dizer, rolou muita confusão na família, mas não foi tudo por causa do meu pai. Antes teve também a história da minha avó, que depois eu conto porque é muito triste. Sei lá, eu era bem pequeno, mas pra mim era como se tivesse passado um furacão na minha casa, e as coisas e as pessoas voavam, voavam e nunca nada voltava para o lugar.

Bom, mas, de repente, um dia, minha mãe resolve fazer uma reforma no apartamento, pra mudar o astral. Contrata um arquiteto. E não é que o cara era muito legal? Eu gostei dele porque meu quarto ficou demais, com bancada para computador, com armários pra guardar minhas coleções de carrinhos. Eu vi que ele me entendia. Acho que também foi assim com a minha mãe. A gente só percebeu que eles estavam saindo juntos quando a reforma terminou, mas aí o Caetano já tinha entrado pra família.

– *Mano, cai na real, que cara é essa?* – perguntou a Shirley.

– *Eu estava me lembrando de quando o Caetano apareceu aqui em casa.*

– *Sua mãe merece, meu filho. O Caeto é um cara legal.*

– É mesmo. Ele foi pra Nova York, mas será que não volta logo?

– Ele volta, mas gente apaixonada detesta distância.

– Mas, Shirley, me diz, você que é a sabidona: o que é que um filme de guerra tem a ver com o Caetano em Nova York?

– Tem a ver com a saudade. Você devia assistir esse filme. É bem lindo, a história de um amor impossível. E, por falar em amor, me conte tudo, Mano. Ando achando o Oscar meio diferente.

– Tipo o quê?

– Tipo esquecendo tudo, rindo à toa. Ele está gostando de alguém?

– Shirley, você me dá medo, cara. Como é que adivinhou?

– Porque eu já nasci sabendo, Maninho... Quem é ela?

– Ih, melhor nem te contar, porque, se tem um amor impossível, é esse do Oscar. Não quero nem ver...

– Mano, Shirley, o que é que vocês estão falando com essa cara de espião?

Pronto. Era o Oscar. A sorte foi que, atrás dele, vieram meu avô e minha mãe. Os dois estavam discutindo por causa da lista de supermercado, e eu disfarcei e mudei de assunto.

Pobre Oscar...

Eu não preciso ser tão esperto quanto a Shirley pra adivinhar que o cara estava completamente ferrado. E ele é o meu melhor amigo. Quer dizer, vai sobrar confusão pro meu lado, já vi tudo.

